

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**À FLOR DA PELE**  
**7 e 11 de Agosto de 2025**

**ZIDANE, UN PORTRAIT DU XXI<sup>e</sup> SIÈCLE / 2006**  
**(Zidane – Um Retrato do Século XXI)**

*Um filme de Douglas Gordon e Philippe Parreno*

Realização: Douglas Gordon e Philippe Parreno / Direcção de Fotografia: Darius Khondji / Música: Mogwai / Som: Scott Guitteau, Selim Azzazi, Tom Johnson / Montagem: Hervé Schneid / Com: Zinedine Zidane.

Produtores: Anna Lena Vaney, Sigurjon Sighvatsson et Victorien Vaney./ Cópia digital, colorida, com legendagem electrónica em português / Duração: 95 minutos / Estreia em Portugal: Alvaláxia, a 1 de Novembro de 2007.

**A sessão de dia 7 tem lugar na Esplanada 39 Degraus**

Douglas Gordon foi o homem que levou o **Psycho** de Hitchcock para as galerias e que, por “deslocação” temperada a golpes de “ralenti”, o transformou em “arte” – falamos da sua mais famosa peça, **24 Hour Psycho**, uma *cause célèbre* das relações, raramente pacíficas, entre o cinema e a arte contemporânea, entre o cinema e a revolução das suas condições tradicionais de recepção/percepção, entre o cinema e a sua apropriação/decomposição por outras formas de expressão e de exposição. Não é inútil lembrá-lo quando, a propósito de **Zidane**, um dos queixumes mais comuns na altura da estreia é que se tratava de um filme feito para ser exibido nas “galerias”, não sendo uma sala de cinema, supostamente, o sítio ideal (ou, sequer, “adequado”) para a experiência do seu visionamento. Sendo a reflexão sobre a lógica e as condições da recepção um passo importante no impulso conceptual que levou Gordon a instalar **Psycho** num museu (assim o transformando “noutra coisa”), a coisa devia ser vista exactamente ao contrário: em vez de criticar, louvar a existência de **Zidane** (que teve versões montadas e preparadas para a “galeria”) enquanto filme, enquanto objecto para a sala. Enquanto objeto que se mede com o cinema no território do cinema, não no território “neutro” (ou mesmo “estrangeiro”) de um espaço de cariz museológico.

Dir-se-ia mesmo que o verdadeiro lugar do filme que Gordon congeminou com Philippe Parreno (um artista plástico francês com uma relação mais ténue com o cinema do que a de Gordon) é numa sala de cinema. O eixo do conceito, a sua continuidade espaço-temporal (um jogo de futebol seguido em “tempo real”), perde-se se desaparecer a obrigação de o seguir. Numa sala de cinema, esse é o vínculo entre o filme e o espectador, não permite a este último um olhar descomprometido, esvoaçante, e por inerência envolve-o irremediavelmente numa experiência temporal “dura”. Mas é isto que se teme na era do défice de atenção e das múltiplas solicitações por minuto da nossa atenção: a continuidade, o tempo. Paradoxalmente, muita da arte derivada do cinema, libertando-o do tempo (e da condenação ao tempo), anula-lhe essa dimensão, torna-o “fácil”.

No fundo, o que se mais se censurou a **Zidane** foi isto, que ele não fosse “fácil” de ver. O que até é mentira, se se tiver, como os cinéfilos tendem a ter, um olho à prova da tentação do “zapping”.

O filme de Gordon e Parreno tem uma relação com o futebol, mas ainda mais com a reprodução mediática, televisiva, do futebol. Há nele um lado “destrutivo”, que tem obviamente a ver com a dinamitação do modelo comum de transmissão de uma partida de futebol (ou vendo as coisas de uma perspectiva mais positiva, com a construção de um outro modelo de transmissão de um jogo de futebol): um tempo tornado mais “flutuante” e mais incerto e a percepção do espaço, fundamental na compreensão de um jogo de futebol, estilhaçada em mil ângulos diferentes (na verdade dezassete ângulos, a contar pelo número de câmaras utilizado pelos realizadores). O “espaço”, a envolvência, o resto do jogo e dos seus intervenientes, tudo isto é como que anulado pela obsessão das câmaras com o corpo e o rosto de Zinedine Zidane, seguidos sem descanso nem distrações ao longo da duração de um desafio.

Não há contradição nenhuma em dizer que se trata de um filme crucial na relação do cinema com o desporto - ou, especificamente, com o futebol, que (como muitos outros desportos) tem tendência a só ser bem filmado se for filmado “documentalmente”, como algo além da encenação e da ficção - mas que ao mesmo tempo não é propriamente um filme sobre futebol. Antes um filme sobre a memória, a memória de um jogo em concreto (um Real Madrid-Villarreal de 2005), aquela memória fragmentada que Zinedine Zidane, nas legendas que vão comentando o filme, diz ser a maneira como se lembra de todos os jogos (um sinal daquele experiência de concentração extrema que leva a uma quase plena evacuação da consciência “lembrável”: as palavras de Zidane lembram muito, com outro vocabulário, o que Ayrton Senna dizia de cada vez que entrava na “zona”, um poço de concentração tão intensa que não sobrava memória, e que não lhe permitia dizer como tinha batido um recorde de volta, porque simplesmente não tinha qualquer lembrança dessa volta-canhão).

Ou um filme sobre o futebol tornado experiência essencialmente “interior”, uma vez subjectivamente redimensionados o tempo e o espaço, as peripécias e o ambiente (e sobre o ambiente sonoro, em especial, o trabalho de Gordon e Parreno é magnífico). Nesse sentido, um filme sobre a solidão, a solidão do do centro-campista. Sobre a espera, sobre a paciência (e no final, sobre a impaciência: num golpe de sorte, atendendo que **Zidane** é no fundo um filme de um só take irrepetível, os realizadores foram recompensados com um acontecimento premonitório da famosa cabeçada de Zidane a Marco Materazzi na final do Mundial de 2006, mais ou menos um ano depois do jogo que aqui filmaram). Sobre uma peculiar sensação de impotência, como se num jogo de futebol, no fundo, todas as equipas se desmembrassem, e fosse um desporto jogado por 22 homens sozinhos. Sobre a impressionante máscara (concentração, esforço, sacrifício) de Zidane, que só sorri verdadeiramente uma vez (e não por causa de um golo). Um “retrato”, também nesse sentido – e os melhores e mais bonitos planos são aqueles, as “pausas”, em que o rosto de Zidane, toda a profundidade subtraída, existe envolto numa escuridão “abstracta”. Fica só por esclarecer como entender o título do filme à luz disto tudo: um retrato de Zidane no (ou do) século XXI, ou um retrato do século XXI a partir de Zidane em acção? Qualquer das hipóteses é interessante (mas a segunda, mais).

São os adeptos do Liverpool que costumam cantar *you'll never walk alone* aos seus jogadores. O filme de Gordon e Parreno também nos ajuda a perceber por que é tão justo esse encorajamento: é que eles caminham mesmo sozinhos.

Luís Miguel Oliveira